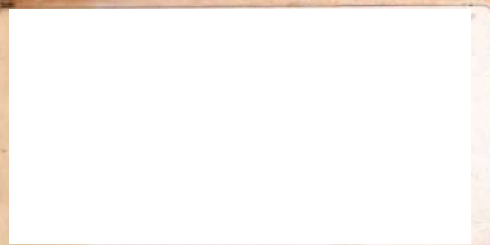


Mãe

HENRIQUE CASTRICIANO



HENRIQUE CASTRICIANO

BRASIL 1989

Mãe

2ª Edição
Fundação José Augusto
Natal-RN - 1989

CAPA: Marcelo Mariz

Souza, Henrique Castriciano

Mãe. 2ª ed. Natal, FJA/Gráfica Manimbu,
1989.

84 p.

1 Poesia brasileira. I Título

CDD 869.1



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE

Geraldo José de Melo
Governador

A edição deste livro foi reali-
zada na presidência do jorna-
lista Woden Madruga, da Fun-
dação José Augusto.

SUMÁRIO

A MEMÓRIA DE MINHA MÃE

SUMÁRIO

Apresentação	09
Prefácio	11
Introdução	13
Mãe (Livro de Berta)	29
Quando Nasceu	31
Batismo	33
Adormecida (Cantiga do Berço)	37
Acordada	39
M a i o	43
No Jardim	45
A Laranjeira	47
O Rosedá	48
O Girassol	49
A Roseira	50
O Cipreste	51
A Mangueira	52
A v ó	53
Beija-Flores	55
B e i j o s	57
O Primeiro Dente	59
M a m ã	61
O Primeiro Passo	63
Noite de Natal	65
Ano Bom	69
Crepúsculo (Meses Depois)	73
Berta e o Mar — Berta (Louca, à Beira-Mar)	79
O Mar	82
B e r t a	84

HENRIQUE CASTRICIANO

Manoel Rodrigues de Melo

Da geração de 1874, o poeta que mais se destacou, no Rio Grande do Norte, foi Henrique Castriciano.

Não só poeta, mas, também o prosador, o cronista, o mago da palavra e da pena. Bem o disse Olavo Bilac, no prefácio deste livro.

Não era orador explosivo. Era mais conferencista, falando sentado, seguro, tranquilo, sem usar papel ou anotações. Assisti esta cena no Teatro Carlos Gomes, atual Alberto Maranhão. Casa cheia, levantado o pano, entra Henrique no palco, sob estrondosa salva de palmas. O poeta pára, agradece as palmas, senta-se, e depois começa. Passou uma hora falando, sem causar cansaço, sob absoluto silêncio da assistência. Quando terminou, a casa quase veio abaixo. Saí do Teatro encantado, posso dizer, maravilhado.

*Certa vez, na casa de Cascudo, rua da Conceição, me encontrei com Henrique. Cascudo deitado numa rede e Henrique sentado numa cadeira ao meu lado. A conversa girava em torno de assombração, visagens e almas penadas. Henrique, grande conversador que era, contou várias passagens de sua vida, em que se defrontou com visagens. Entre as estórias que contou destaque esta. "Era noite. Henrique viajava a cavalo. Em certo lugar, o cavalo ascendeu às orelhas e parou espantado. Henrique pegou-o nos **ferros** tentando passar. Não houve jeito. A única maneira de continuar a viagem foi fazer um arroteio de quase um quilômetro pra chegar ao ponto desejado".*

De outra vez, eu era Contador do Hospital Miguel Couto, atual Onofre Lopes. Henrique andava doente. Januário sabendo disso, pôs à disposição dele um apartamento, onde passou algum tempo. Durante o período que esteve no Hospital tomava banho de sol todas as manhãs na área em frente ao meu gabinete. Diariamente eu estava com ele, trocando idéias sobre vários assuntos. Foi nessa época que mandei copiar a pedido dele, o trabalho sobre Lourival Açucena. Nesse tempo falamos várias vezes sobre a reedição de suas obras completamente esgotadas. Há dois fatos na sua vida que merecem destaque. Os dois maiores poetas do Estado, depois dele, foram lançados por ele: Auta de Souza e Ferreira Itajubá. Tinha remarcada preferência pela juventude do

seu tempo. A prova é a fundação da Escola Doméstica de Natal. Quando Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em sessão ordinária, convidou o Presidente da Academia de Letras do Ateneu para tomar parte na mesa. Rivaldo Pinheiro, o convidado, quase cai da cadeira... De todas as obras que realizou em vida, a mais importante e duradoura é a Escola Doméstica de Natal, atualmente sob a competente direção de dona Noylde Ramalho. Outra tarefa que não pôde realizar, mas criou condições para que Adauto Câmara a realizasse, foi a biografia de Nísia Floresta Brasileira Augusta, hoje vitoriosa com a colaboração de outros intelectuais. Vice-Governador do Estado, em dois períodos governamentais, colaborou na publicação da Lei que o Mecenaz Alberto Maranhão criou fomentando a cultura no Rio Grande do Norte. Por tudo isso, a reedição desta livro, autorizada pelo Governador Geraldo José de Melo, através da pessoa do Presidente da Fundação José Augusto, Dr. Woden Madruga, significa a continuação da obra cultural que o mesmo vem realizando à frente da mesma instituição, em proveito do Governo e da Comunidade.

Natal, 25 de Junho de 1989

PREFÁCIO

Sthendal, ou Henry Beyle, o exqu coastão escreveu um dia: "Les vers furent inventés pour aider la mémoire. Plus tard, on les conserva pour augmenter le plaisir, par la vue de la difficulté vaincue... Les garder aujourd'hui... c'est un reste de barbarie". É que o excelente Beyle, com toda a sua famosa mania de ser, antes de tudo, simples e sincero, - tinha as suas horas de pose, como qualquer outro mortal. Não era ele quem dizia que, antes de escrever, lia sempre algumas páginas do Código, para enrijar o estilo? E não é singular que essa condenação dos versos partisse de quem confessava só amar e admirar verdadeiramente três homens: Cimarosa, Mozart e... Shakespeare?

Realmente, a poesia (não a poesia larga e livre, que tanto pode palpitar nos versos de um soneto, como na prosa de uma crônica, ou nas tintas de um quadro, - mas a poesia propriamente dita, rimada, sujeita a regras clássicas e fixas) zomba com estranha pertinácia dos vaticínios da crítica. De quando em quando, um profeta chega, anuncia a morte próxima da Arte Divina... E, como ao influxo de um verbo criador, - ao influxo dessas palavras de extermínio, a Poesia desabotôa em florescências novas e fecundas...

Abençoada, essa resistência aos vaticínios da Crítica!

Tu morres, Política, consumida pela tua própria futilidade; morres tu também, Conquista, devorada pela tua própria ambição; morres tu também, Filosofia, desenganada dos teus esforços! Mas esta preocupação ingênua e simples de ritmar em palavras o Amor, de fixar em versos a Vida, com as suas alegrias e as suas amarguras, - dando à palavra humana música, perspectiva, cor, e relevo, - esta arte do verso não morre...

É numa formosa manhã do fim de dezembro que, sobre as páginas do manuscrito de Mãe, escrevo estas linhas consoladoras. As cigarras cantam, no esplendor do dia cálido, a glória do Verão. Que fazem elas, senão cantar? Nasceram para isso, filhos do sol e do perfume dos arvoredos... Cantam e cantarão, até que a morte lhes venha sufocar o canto. E, lendo os versos de Mãe, parece-me que uma delas, aqui mesmo, sobre os meus livros, está dando à minha alma cansada um pouco de compaixão e da ternura da Natureza,

INTRODUÇÃO

Como é bom ressurgir no cimo das Alturas!

À luz de teu olhar, abraçado aos teus flancos
Esqueço a dor do Mundo, esqueço as amarguras.
E tingem-se de negro os meus cabelos brancos.
Como me sinto bem, como me sinto leve
Embaldo na voz sussurante do vento,
Contigo, ó minha mãe, por todo o firmamento,
Qual outrora no berço, entre sendais de neve!
Tenho a Noite a meus pés, tenho nas mãos o dia
E os conduzo à vontade, agarrado ao teu braço.
Se queres, faço a Sombra e adejando no Espaço,
Nós veremos a Terra, adormecida e fria.
Em cima, é sempre luz, redoirando alabastros,
É sempre o eterno Dia, inundado de harpejos,
Aonde águias azuis passam voando aos beijos,
Conduzindo na garra Alvoradas e Astros...
Demoro-me a fitar o claro firmamento:
Quem é que habita além, além na Vastidão,
Nessa altura serena, aonde apenas vão
As asas da Quimera e a voz do Pensamento?
Quem me dera subir... subir... ainda mais...
Galgar, de sonho em sonho, os puros ideais
De minha alma ansiosa e louca de proscrito, -
Subir até o fim dessa imensa montanha,
Impalpável, sonora, iluminada, estranha,
Escada de Jacó que vai dar no Infinito!

Abre as asas, meu Sonho! Ascende tu, meu Verso,
E busca o Céu tranquilo, aberto sobre o Mar...
Vamos sonhar nós dois, contemplando o Universo,
Vamos sonhar nós dois, contemplando o luar...

Minha Mãe! Minha Mãe! Eis-me puro e contrito
Separado da argila; eis-me contigo, agora.
Tua sombra vim ver através do Infinito,
Abrindo para mim as asas cor da Aurora.
Precisava iludir-me e vim rogar ao Céu
Que de mim afastasse as revoltas de ateu,
Como, outrora, Jesus, dentro das trevas mudas,
Apalpando na sombra a imagem vil de Judas,
Suplicava ao Senhor, vendo a turba cruel,
Que afastasse de sí o cálice de fel.
Doce morta, vim ver-te! E; em meu desconforto,
Para amar-te melhor - ó loucura da mágua!
Libertei-me da Vida e me suponho morto
- Morto que ainda tem os olhos rasos dágua!
Oh, dá-me a tua mão! tua benção, primeiro
Ilumine-me a Alma e bafeje-me a fronte:
Que tu sejas, no Céu, meu anjo alviçareiro,
Já que foste, na Terra, um clarão de horizonte.
Abre-me o casto seio, unguido de esperanças,
Como um botão de rosa, em Abril orvalhado,
E cante o lábio teu esse salmo adorado
Que as Mães sabem rezar, embalando as crianças!

Ó Mãe! Depois de morto, ainda sinto o desejo
Que me unia ao Mistério e à sua garra adunca.
Ascender! Ascender! Eis o perene adejo
Que começa na infância e não se acaba nunca!
Eu me sinto feliz ao teu lado, sozinho,
Como, no galho verde, o terno passarinho,
- Seja a rola morena ou seja o rouxinol, -
Que, depois de uma noite hibernal, tenebrosa,
Sente doirar-lhe o ninho uma réstea de sol,
Tênuê, primaveril, risonha, carinhosa;
Mas não sei que me falta, ao levantar a vista
Para além, muito além, pra o vago horizonte
Desmaiado e sem fim, onde vê minha fronte
Novos mundos, talvez abertos à Conquista,
Mundos que não terão as misérias da Terra,
Aonde o Crime atroz em masmorras encerra
A bondade a gemer com seus lábios de aurora,
Vendo o velho que sofre e a criança que chora.
Vela-me a fronte, pois, mergulhada em assombros,
Tendo ainda a expressão de quem veio de abrolhos,
E que eu não veja a Dor... Ó Mãe! Cerra-me os olhos
Com esse manto azul que trazes sobre os ombros!

E ela, terna, serena, o rosto desnublado,
De uma carícia meiga ao doce murmurejo,
Estreitou-me ao seu colo... E fiquei deslumbrado
Entre o véu de seu manto e a luz de seu beijo!

Percorremos, então, esses orbes dispersos
Que giram pelo Espaço, eternamente ignotos,
E fomos encontrando estranhos universos,
Mundos em formação, cada vez mais remotos.
Esses mundos mirei através das Esferas:
Querendo subir mais, ver novas Primaveras
De Estrelas e de Sóis, Minha Mãe, penserosa,
Murmurou-me, a fitar não sei que Nebulosa:
É-te vedado o mais. As regiões serenas
Que tremulam além, chamam-se o Paraíso
Dos que a Morte envolveu num dólido sorriso,
E tu, meu pobre filho, estás sonhando apenas!

Pulsa-me o coração. Eis-nos bem perto agora
Do Mundo sublinar, do globo verdejante...

A Tarde desce e expira...

O Sol, agonizante,
Recorda um rosto amigo e triste, que descora:
Murmura a Viração, serenamente mansa,
Como um beijo a cantar na face de uma criança.
No límpido arreal, nos cômoros da praia,
O oceano distende o seu véu de cambraia
E põe-se a segredar, erguendo os membros lassos,
Procurando apertar a Lua nos seus braços,
Enquanto, sobra a vaga, o rude pescador
Vem dizendo, também, uma endeixa de amor.

Além, muito distante, aparecem jangadas,
Partindo os vagalhões, alígeras, remotas:
Na vertigem da luz, suponho ver gaivotas
Que baixassem de cima, as asas espalmadas,
Que descessem do Azul, as penas agitando...

Sons misteriosos sons, de não sei que instrumento,
Elevam-se até nós, aos queixumes do vento
E cantam, vagamente, as dulcias da saudade,
Na gaze de lilás que cobre a Imensidade.
Escutando essa voz, de um vibrar prolongado,
Meu coração floresce, em antigos segredos.
E chego a imaginar que minh'Alma é um teclado
Onde a Alma de alguém vem repousar os dedos...
Uma formosa moça agasalhada, no flanco,
O pequerrucho loiro... Eu digo, adivinhando:
"Vai mostrar-lhe São Jorge e o cordeirinho branco.
"Depois, os níveos pés na vaga marulhosa,
"Ela repetirá essa oração piedosa,
"Tão santa e virginal, que, no berço rezamos,
"Que aprendemos no berço e não mais olvidamos".

Crepúsculos azuis! Poentes muribundos,
Que escondeis vossa cor na líquida toalha...
Vós sois a expiação de crimes de outros mundos
E o trágico Oceano é o velho carpinteiro

Que vos prega o caixão e voz tece a motalha!
Convosco a gente sente e sente o mundo inteiro
Desde o cardo que nasce e sobre a rocha medra
Até o coração do rochedo, da pedra.
Ao sombrio fragor do Vento que retumba,
O morto, o próprio morto, ajoelha-se na tumba
E, cruzadas as mãos, reza calado e só
Por tudo o que passou e foi cair no pó.
Cada Alvorada doiro é um dia que passa,
Sepultando ilusões, descobrindo ruínas.
Feliz quem morre cedo e não viu a Desgraça
Entre os dedos, fanando as dalias purpurinas!
Ao vacilar da luz, do poente na agonia,
Conhecem-se melhor as dores do Universo:
Andam por toda parte écos de litania
Que adormecem, no Céu, a Lua branca e fria,
E despertam, na Terra, as crianças no berço.
Percebemos, enfim a formosa união
Que pretende um ser ao outro em toda a Criação.
E, múltipla e heróica, a Alma olha o Ocidente em brasas:
Como um pálio a tremer, fecha a Vida nas asas,
Ligando num só laço, os pássaros e o verme,
O tigre hediondo e mau e a pomba doce e inermes...

E o Mar, como ele é belo, aqui, deste Infinito!

Hostiário ideal dos corações lanceados,

Deixa-me comungar os hinos estrelados
Que a saudade suspira em teu amargo rito!
Enquanto morre a Luz, eu quedo-me, silente,
A cismar, pensativo, em sonhos já passados...
Ó velho companheiro! Ó pai dos desgraçados!
Abre-me o seio teu, num cântico dolente...
Minha Mãe! Minha Mãe! Faz-me pena o Oceano:
Suponho ouvir na vaga um coração humano
Acenando por mim, cheio de medo e assombros...
Não vês como ele geme? Olhando a Esfera linda,
Eu sinto que padece e sofre mais ainda
Que a cabeça infeliz que me pesa nos ombros!

Ouçõ longínquos sons de um sino a badalar.
Finda-se o mes de Maio...

Ave Maria! canta,

Lá do cimo da torre, iluminada e santa,
O suspiroso bronze, a chamar... a chamar...
Transfigura-se a Igreja, inundada de luz,
E parece que a Lua, abandonando o Espaço,
Veio rindo, estreitar a Virgem num abraço,
Ou enxugar, num beijo, o pranto de Jesus!
Andorinhas gazis vêm, recortando os ares,
No antigo corucheo repousar de mansinho,
E, embaladas na voz místicos cantares,
Adormcem a rir, na quentura do ninho.
Eu contemplo, entretanto, essa moça singela,

Esse lírio modesto, essa químera exul,
Rezando ao pé do Altar... Ó Mãe! como ela é bela,
Na moldura gentil de seu vestido azul!
Cerra os cílios, formosa, e chilreia uma prece
Que decorou no Céu, quando um anjo ridente,
E a benção de Jesus, sobre o seu colo desce,
Como desce uma flor nas águas da corrente.
Fita o menino Deus, e o seu olhar flutua,
Ora nos olhos dele, ora nos de Maria.
Tem nas mãos o Missal. Tão pura! E dir-se-ia
Que sustem sobre o seio a minh'Alma, e a sua!

XXX

Foi um sonho: acordei, desolado e proscrito!
Mas banhei-me do Azul ao sidéreo fulgor,
Saturei-me da luz eterna do Infinito
Para escrever, então o meu livro de amor!

(Morro do Tibau, Nordeste do Brasil. Primeiro
crepúsculo de Junho, ouvindo cantar as graúnas nos coquei-
rais)

“Deixai que os meninos venham a mim: porque deles é o reino do céu.”

JESUS

“Deus fez o céu a pátria das estrelas,
Do olhar das mães o céu das criancinhas.”

AUTA DE SOUZA.

MÃE
LIVRO DE BERTA

QUANDO NASCEU

A Minha filha, como agora, eu penso,
Era, quando nasceu,
Um anjo de olhos cor do mar, suspenso
De um sonho cor do céu.

Hoje um mes completou. Lírios se abriam,
Aos raios da manhã,
E, abrindo as folhas, tímidos, diziam:
Nasceu-nos uma irmã.

Movendo os meigos cílios delicados,
De miragens tão nús
Ela sentiu nos olhos deslumbrados
O reflxo da luz..

Então, chorou. Um prófugo vagido
Do seio lhe saiu,
Tão leve como o ar, mais tênue que o gemido
Que um sorriso partiu...

Por que será que a lágrima primeiro
Ensombra os olhos puros da criança,
Antes que o riso, trêmulo e fagueiro
Venha trazer-lhe o brilho da esperança?

Por que será que a dor, pungindo santa
No poema da Vida, no universo,
É o primeiro verso que se canta
E sempre, e sempre... o derradeiro verso?
É o primeiro verso que se canta
E sempre, e sempre... o derradeiro verso?

Na gaze envolta da infinita mágua,
Na solidão do luto e da saudade,
Dir-se-ia a Terra pobre gota de água
A boiar, a boiar na imensidade!

De minha filha a lágrima bendita
Está no céu... aí! quando quero vê-la,
Contemplo o azul da abóboda infinita,
E vejo-a transformada numa estrela.

Porque - bem, sei que Deus recolhe o pranto
Da criancinha escrava do martírio
Para o guardar nas dobras do seu manto,
Mudado em astro ou transformado em lírio...

B A T I S M O

Como é mimosa! Batizou-se agora...
Porém da Igreja veio tão zangada!
Velha criança, o padre quase chora:
Que raiva teve da pequena aurora
Aquela noite quase terminada!

O Calendário em casa procurou-se,
Havendo logo ingênua gritaria:
- Júlia! que nome tão formoso e doce!
- Mas eu queria que o seu nome fosse...
- Há-de chamar-se, quero eu, Maria...

Porém o espinho da discórdia irada
Uma velhinha, carinhosa, arranca:
Diz a vovó, chegando-se, alquebrada,
Saboreando, em goso, uma pitada:
"Achava bom que se chamasse Branca"

E teve um riso, uma carícia teve,
Branca, mais branca do que o nome branco...
Tal como, outrora, a sua mão susteve
O meu corpinho alvinetente e leve,
Foi a netinha conchegando ao flanco...

Sentiu-se alegre, qual do céu viesse...
Beijou-lhe os olhos de luar diluido...
Palmeira antiga, transformada em prece!
Toda de branco, como se tivesse
Rosas nascendo no seu seio unguido...

Seguindo todos para a Igreja, rindo,
Seguimos todos para a Igreja, então.
Festivo, o bronze, num anseio infindo,
Salmos cantava, deslumbrante, lindo,
E palpitava como um coração!

O que dirá o solitário sino?
- As andorinhas leves perguntavam,
Afadigadas, sob o céu divino
Vem batizar-se algum irmão menino?
E mil perguntas destas se cruzavam.

Depois, ouvindo o desolado choro,
De minha Branca, tão franzina e pobre,
Compadecidas deste anjinho louro,
O Altar cercaram, em piedoso coro,
Como o incenso que o sacrário cobre...

Asas morenas, pelo sol tostadas,
Flocos de espuma, de cinzenta cor,
Flores da Terra para o céu aladas,
As andorinhas sobem, dispersadas,
Mas descem presas pela mesma dor.

Como eu vos quero, ó passaros suaves!
Como vos amo! Neste corúcheo,
Nestas antigas e tristonhas naves,
Vós sois crianças transformadas n'aves,
Vós sois crianças que subís ao céu!

Quando do espaço nas douradas gazas,
Passais, em busca de ideais tesouros,
Dizem as nuvens, sob um sol de brasas:
São almas brancas, que sustêm nas asas
As Almas louras dos meninos louros!

Uma de vós, há pouco, cochichava,
Numa tristeza de quem quer chorar:
Se o padre eu fosse, Branca não penava,
Porque das asas no frouxel guardava
Folhas de cravo, para a batisar.

Bagas de sal... (um sofrimento certo!)
Sagrados óleos... (que ironia, ó cruz!)
Não foi com isto que S. João, de certo,
Deixando as urzes de feral deserto,
Veio das selvas batisar Jesus!

Duvido muito que este velho rito
Seja a quimera da manhã radiosa,
Pois é sabido lá no Azul bendito:
É com o orvalho doce do infinito,
Que a Estrela D'Alva faz cristã a rosa!

A D O R M E C I D A
(Cantiga do Berço)

Ela dorme, o meu martírio,
Como uma rosa ao luar:
Sua boquinha de lírio,
Em sonho, me quer beijar...

Sua boquinha de lírio,
Em sonho, me quer beijar...

Ela dorme, o meu anjinho,
Como uma estrela sem véu:
É um doce passarinho,
Sem asas, pedindo o céu...

É um doce passarinho,
Sem asas, pedindo o céu.

Por que, de cílios fechados,
Ela conversa com Deus?
Fala, de lábios cerrados,
Contando os segredos seus.

Seus lábios falam cerrados,
Contando os segredos seus...

Tens medo, Branca, tens medo,
Dos serafins d'Amplidão?
Pois eles guardam segredo,
Não são indiscretos, não...

Ó santa! guardam segredos,
Não são indiscretos, não!

Conversa; diz que os adoro
Porque com eles pareces;
Que, junto ao teu berço, choro
O doce orvalho das preces,

Que, junto ao teu berço, choro
O doce orvalho das preces...

Consente o sonho ir vogando,
Dos anjos ao meigo afago,
Como uma dália, boiando
Nas águas claras de um lago.

Como uma dália, boiando
Nas águas claras de um lago...

ACORDADA

Agita os braços, acorda
Do sono casto e divino:
Música extinta, recorda
O despertar de um menino...

Música etérea, inefável,
Mais que a voz do rouxinol,
Canção que traz, impalpável,
Ao sonho, o clarão do sol.

Gorgieio vago e sem notas,
Que às aves causa ciúme,
Vindo de plagas remotas,
Envolto em luz e perfume...

Assim, se ela, a criança,
Dormita, não desmancheis
Essa ária cor da esperança
Pode extinguir-se de vez!

E cismo, contrita, cismo,
Vendo Branca despertar,
Como quem vem de um abismo
Cheio da luz do luar.

Agita as mãos, tateando,
Inconsciente e mimosa...
É uma Santa, voltando
De seu país cor de rosa.

Alegre, tiro-a do leito,
Do berço pequeno e leve:
Meu querido amor perfeito!
Minha cecém cor de neve!

Aperto-a, sorrindo, ao seio,
Enquanto (ingênuo deleite!)
Ela beija-o sem receio
Gulosa, chupando o leite.

Satisfeita, então, contemplo
Esta fragil criatura:
- Meu seio é o Altar do templo
Deste mimo de ternura. -

A MANGUEIRA

Modere a voz do Universo,
A doce voz dos Espaços...
Ó Sonho! canta o teu verso!
Ei-la adormida, eu seu berço !
Nos meus braços, nos meus braços!

O CIPRESTE

Senhor! Por que me fizeste
Com esta dor que me assombra?
O luto o meu seio veste...
Mas dou-lhe o que tu me deste:
Muita sombra, muita sombra.

O RESEDÁ

De mim, que tão pouco valho,
Terá, quando for donzela,
Hastes banhadas de orvalho,
Tudo o que eu guardo, no galho,
Para ela, para ela...

A LARANJEIRA

Dá, Natureza, que eu possa
Voltar a novos amores.
A minha vida remoça,
Quando Branca estiver moça...
Dá-me flores, dá-me flores.

A ROSEIRA

Eu, sim, ornarei um dia
As suas tranças formosas:
Vós ireis, em romaria,
Levar-lhe (santa alegria!)
Muitas rosas, muitas rosas...

O GIRASSOL

Então julgais, ó boninas!
Julgais todas que sou feio?
Pois, suas mãos pequeninas,
Eu guardaria, meninas,
No meu seio, no meu seio.

A sua boca semelha
(Jesus! o que direi eu?)
Alguma fruta vermelha,
Que os anjos partem no céu.

Os olhos são paraísos,
Cheios da Graça Infinita:
Dous lagos azuis, sem frisos,
Aonde a ventura habita.

São seus lábios papoulas,
Que as estrelas vão abrir:
Cantarão melhor que as rolas,
Agora nem sabem rir.

O pescocinho nevado,
Tão branco como o marfim,
Parece, tão delicado!
Todo feito de jasmim.

As suas mãos, reunidas,
Guardam místicos segredos:
São camélias repartidas
Em folhas, que são os dedos.

E aperto-a de encontro ao seio,
Enquanto (ingênuo deleite!)
Ela beija-o sem receio,
Gulosa, chupando o leite!

M A I O

Maio chega e os seus amores,
Cheios de luz e perfumes.
Trazendo a Alma das flores
Nas asas dos vagalumes.

O orvalho, sobre as campinas
Deixa pérolas cair:
Enfeita as rosas, - meninas
Que só ele quer vestir...

As borboletas douradas
Voejam; que anseio louco!
Beijam-se muito... Coitadas,
Vivem tão pouco... tão pouco...

Ouve-se um cântico ledó,
Um rumoroso gorgoejo;
A sensitiva com medo
Fecha as folhas sobre o seio.

Algumas nuvens nos ares,
Mas logo o sol doura a selva...
Insetos da cor dos mares
Vão-se escondendo na relva...

Quanta alegria na mata!
Verde, quieta, risonha,
Em zumbidos se desata,
E canta e palpita e sonha.

Senhor! Consola e abençoa
As almas simples da Terra,
Desde os sapos da lagoa
Aos pintassilgos da serra!

Num desejo indefinível
Louvem todos tua cruz
E orem, com a ansia invisível
Da planta buscando a luz.

Branca não sabe decerto
Que atravesssei a devesa
Para ela ouvir bem de perto
As preces da Natureza!

NO JARDIM

No jardim, - dentro do berço,
Suspenso de uma Mangueira -
Muda, contempla o Universo
A rir, pela vez primeira.

Parece-me que este riso
É de dó, de compaixão,
Pois quem vem do paraíso,
Não gosta da terra, não.

Recorda, talvez, com pena,
As alegrias de lá, -
Quando via, em noite amena,
Vestidinhos de açucena,
Os outros anjos de cá.

Quem sabe? vendo estes lírios,
A murchar nas hastes belas,
Nos seus infantís delírios
Tem saudade dos martírios,
Das estrelas, das estrelas.

Os seus dedos pequeninos
Como que vão escrever
Esses segredos divinos...
(Porque, no Azul, os meninos
Também aprendem a ler.)

E Branca talvez que, agora,
Pense nos tempos de então,
Quando Sírius, cor da Aurora,
Pedia a Nossa Senhora
Para tomar-lhe a lição.

No entanto, as árvores todas
Conversam pelo pomar,
Umas conversas de doudas,
Que vivem sempre a sonhar.

A V Ó

Branca de neve, muito branca e meiga,
Ei-la, ninando-a, carinhosa, a rir:
- Ave que canta na sonora veiga,
Olhando a Estrela da Manhã surgir.

Santa velhinha, santa pensativa,
Achas formosa tua neta, assim?
És o sorriso de uma sempre-viva,
Guardando o sono deste querubim.

Tu és a hóstia de ideal sacrário,
Lenda singela de sutís anelos
Última nota de um estradivário,
Alva, tão alva como os teus cabelos.

Ai! quando beijas tua ingênua neta,
Cuido que o beijo vai mudar-se em planta,
Por cujos ramos, a sonhar, quieta,
- Em vez de rolas - a Carícia canta!

Setas azuis e setas cor da Aurora,
Tais são os Sonhos, que em tu'Alma passam,
E vão subindo pelo Azul afora,
Rasgando as Nuvens que no céu se enlaçam.

Em tua voz um ninho se pendura,
Como na Igreja a luz do alampadário:
Ascende nele, para o Céu, tão pura,
A tua reza, como num sacrário...

Seja o teu riso a nuvem que flutua,
Pedindo ao sol que não macule a flor,
Que morreria de pesar, se a lua
- Vendo-a manchada - lhe negasse o alvor!

Seja o teu beijo o pálio sacrossanto
Que oculte Branca do destino incerto:
Tece-o com sonhos! Faze dele um manto,
Eternamente... eternamente aberto!

BEIJA-FLORES...

Dois beija-flores, de asas retulantes,
No mesmo ramo em que seu berço esteve,
Do sol teceram, aos raios iriantes,
Formoso ninho pequenino e leve.

E delicados, meigos, indecisos,
Se consultarem, como nós fazemos,
Quando, entre sonhos, preces e sorrisos
Pergunta o Amor se o ninho já tecemos.

Disse o primeiro: "Me aborrece o prado!
Tem muita relva, ms contém abrolhos..."
(Como a criança e como o namorado
Os beija-flores falam pelos olhos)

Disse o segundo: "Bem pertinho... alí...
Há muito cravo, muitas violetas
E mariposas! Por sinal que ví,
Só numa rosa, quatro borboletas!

Depressa, vamos ao pomar de Berta..."
E erguem o vôo, trátego, sereno;
Mas, vendo Branca, que, a sorrir, desperta:
"Olha! uma fruta! diz o mais pequeno..."

- "Fruta com braços! Quem te falou nisto?
Pois é tão louco o teu pensar, tão louco,
Que não se lembra do menino Cristo?
Aquele é Branca e batisou-se há pouco."

E mal retiro o berço perfumado,
Feito da alvura de cheirosos linhos,
Eis outro berço logo pendurado...
Bem invejosos são os passarinhos!

BEIJOS

As vezes, penso comigo
Que há beijos de toda cor;
Beijos que trazem consigo
Todos os prismas do Amor.

Assim, o beijo de Judas
Tem a cor da escuridão:
Guarda o horror das trevas mudas
E a negrura do carvão.

É negro, bem como a sombra
É traiçoeira na alfombra.

Parte um noivo, que enlouquece
Beijando a noiva, com pejo...
Não sei porque, mas parece
Que é tão azul este beijo!

É azul porque a saudade
Tem cor da Imensidade!

Na liça, o guerreiro bravo
Vê cair o irmão exangue;
Beija-o e foge, que é escravo...
Mas leva nos lábios sangue...

Dado embora de joelho,
Aquele beijo é vermelho.

Quando afago a minha filha
E a cinjo de encontro aos flancos,
Seu rosto como que brilha...
Os beijos de mãe são branco.

São brancos, bem como a lua
Quando entre as nuvens flutua.

O P R I M E I R O D E N T E

Nasceu-lhe o primeiro dente...

Ah! como é belo, Jesus!

Lembra uma baga nitente,

Lembra uma gota de luz!

Pergunto, fitando o céu,

E o mar, que exaltado espouca:

Foi um lírio que nasceu

Na rosa de sua boca?

O céu, dissipando a bruma,

Passa em revista as estrelas,

E diz que lhe falta uma...

A mais pequenina delas.

O Mar - o grande avarento -

Zangado, põe-se a gritar:

- "Está carregando o vento

A espuma de meu colar!"

Enganô! Que triste enleio!
São milagres do Senhor:
Aquele pérola veio
No bico do beija-flor.

Baga de luz que cintila,
É uma lágrima doce,
Que resvalou da pupila
De um Anjo e cristalizou-se!

M A M Ã

Ela trazia, há muito, o sol desta gorgeio
Dentro do coração, singelo e pequenino...
Mas, ai! somente agora irrompeu-lhe do seio
Inundando de luz seu lábio purpurino.

Às vezes, murmurava, em cristalinas notas,
Canções que a Aurora ouviu, sonoramente, a rir,
E que depois levou a regiões ignotas,
Porque ninguém, na terra, as soube traduzir.

E ficava o meu ser suspenso do sorriso,
Do sorriso que doira as Almas carinhosas,
Vendo longe, bem longe, abrir-se o Paraíso,
No eco de sua voz, já transformado em rosas!

Era tão grande o esforço ingente de seu lábio
Para dizer - mamã - como as outras crianças!
Por que não veio logo o pequenino sábio
Que esse nome inventou, ungiendo de esperanças?

Quando teu pai morreu, ó Branca, tu nascia...
Seu desejo era ver-te a murmurar: mamã...
Como fazem, no Azul, as doces cotovias,
Ao ver o despertar da Estrela da Manhã.

Ensaia, muita vez, o rútilo pipilo
Que este nome traduz, meu terno colibrí;
Repete-o mais e mais! Teu pai deseja ouvi-lo
No astro aonde repousa e aonde pensa em ti.

Ensina-o, no jardim, às roxas violetas,
Ensina-o à laranjeira antiga do pomar,
Has de ouvir, acalmando as ondas inquietas
Repetindo este nome, as entranhas do Mar!

Vamos... repete: Mãe!... Deslumbra o sol a veiga
E no Oceano emudece o grito do escorcéu...
...Quando a criança diz esta palavra meiga
Faz descer sobre a terra uma nesga do Céu!

O P R I M E I R O P A S S O

Hoje, na relva do jardim, brincava
Quando uma dália lhe acenou a rir.
(Esse convite, há tempos eu notava
Mas não queria ainda descobrir.)

Ví-a de pé. Não sei como foi isto...
Ergueu-se, tateando, ingênua e louca,
E, num formoso gesto nunca visto,
Prendeu a flor para levá-la à boca.

Roxa nuvem pequena que flutua,
Desfez-se a dália, extinta pela dor:
Um lírio, vendo-a desfolhada e nua,
Cerrou os olhos, cheios de pudor.

Nos ares, agitou-se a Ventania
Gargalhando, a fugir, pelos espaços:
Somente Banca atravessar podia,
O azul do Firmamento em sete passos!

Lembrei-me, então, do Nazarenho santo
Pois sete passos teve em seu caminho,

Na via dolorosa, que o seu pranto
rorejava de sangue e de carinho.

Neste momento, as cores da aliança
Desenhavam-se na curva do Infinito;
E, olhando-as, Branca, cheia de esperança
As mãos erguia para o Azul contrito.

Arco divino o iris deslumbrava,
E ela, envolvida no fulgor das cismas,
Subir a Deus, risonha, procurava
No anil desse degrau de sete prismas!

Suspense o sol, quedou-se, estremeçando,
Numa nesga do espaço - o Arco em face -
Calou-se a voz dos pássaros temendo
Que ela subisse e nunca mais voltasse.

Tremia o mundo e a Natureza, - quando
O Arco da Aliança evaporou-se...
E Branca riu, talvez noutro pensando,
Como se aquilo algum brinquedo fosse...

Só numa cruz se vai ao Paraíso,
Ó meu formoso e virginal sacrário!
Para habitá-lo, ao Cristo foi preciso
Galgar primeiro o cimo do Calvário!

NOITE DE NATAL

Natal! Natal! Surge a Lua,
De um halo doiro cercada,
Como o cisne que flutua,
Numa lagoa encantada.

Abriu-se em pálio a Saudade,
Como a brancura de um véu,
Ao doce olhar da Bondade,
Ao misticismo do céu.

Loiras estrelas suaves
Tecem bordados no Azul;
Os silfos mudam-se em aves
Muda-se em luz o paul.

Almas de santos e fadas
Vagueiam nas solidões,
Aéreas, transfiguradas,
Cheias de sonho e clarões

Mãe eterna, ao sopro infindo
Do Vento em fundos delírios,
Abre o seio a Noite, rindo,
E dá de mamar aos lírios.

A mangerona azulda,
Vendo Sirius, que descora,
Abre as folhas, enganadas,
Para ver Nossa Senhora.

E Madalena, no entanto,
Fia brocados de luz,
Com as gotas de seu pranto
Para o menino Jesus.

Natal! Natal! Pela bruma,
Há diluências de harpejos:
- Alves estrias de espuma
Que o Mar rarefez em beijos!

O Mar! também ele quiz
Tornar-se criança hoje:
Espalha flores de lís,
Dá beijos na areia e foge!

A Noite vai caminhando...
Ó mocho, a quem tu imploras?
Um galo, de quando em quando,
Pergunta se já são horas...

Enfim, um outro responde,
 Bem alto: Cristo nasceu!
 E o boi, perguntando aonde,
 Alonga os olhos ao céu.

Belém! Belém! o cordeiro
 Bale, na grama sombria,
 Fitando, longe, o Cruzeiro
 Que a Noite leva, tão fria...

Na bruma, que se esmaece,
 Ouve-se o sino a chamar;
 E, às vezes, o som, parece,
 Que aumenta mais o luar...

Velhinho, o padre da Aldeia
 Tem sono, mas não preguiça:
 Oh, Branca! Que cara feia
 Faz ele dizendo a missa!

X
 X X

O Cristo, quando menino,
Morava com S. José.
(Este conto pequenino
Foi passado em Nazaré.)

Num dia santo risonho
- Descrevem lendas de então -
Ausentou-se, como um sonho
Nos foge do coração.

Nossa Senhora, coitada!
Foi encontrá-lo sozinho:
Alva pomba imaculada
Que desviou-se do ninho!

E o pranto subiu-lhe aos olhos...
Surpreendera Jesus
Ocultando, sob os folhos
Da camisinha, uma cruz.

Tão pequenino e mal feito,
Era o lenho a miniatura
De seu derradeiro leito,
Da derradeira amargura!

A N O B O M

Há, sobre a Glória da Esfera,
Nevados flocos de arminho;
Dir-se-ia que a Primavera
Gorgeia, de ninho em ninho.

A Lua cheia desmaia,
Do firmamento nas gazas,
E a Nuvem tece a cambráia
Da luz - para lhe dar asas.

Tem máguas? Não quer dize-las...
Mas voltada para o pó,
Pergunta, muda, às estrélas
Porque deixaram-na só.

O dia se empurplece...
Deixa cair, sobre os ninhos,
A bênção de sua prece,
A prece de seus carinhos!

E, como fazem em Maio,
Cingidos num laço em bando,
Do sol o primeiro raio
Os anjos beijam, cantando.

Pássaros voam no Espaço,
E o iris de suas penas
Refulge à luz cor do aço,
Como um leque de açucenas.

Surge a manhã, raia o dia,
Finda a noite os seus arcanos...
Um sabiá preludia:
Bons anos, Branca, bons anos!

Música terna, que encanta,
O rio ensaia a capricho:
Vem banhar-se aquela santa...
Fugiu agora do nicho!

As patativas, incertas,
Alam-se, em breves adejos:
Lembram flores entreabertas,
Voando, cheias de beijos.

E, as vendo, Branca, inocente;
Suspira, fitando o Além:
Mamãe! Mamãe! Por que a gente
Não pode voar também?

É feliz; está na idade
Em que se deseja tudo
E em que a Terra é a alacridade,
Guardando um segredo mudo!

Desconhece que, das cores,
- Nessa idéia não reluto -
Algumas falam de amores
E algumas exprimem luto.

E na inocência que eleva,
Que as fundas máguas espanca,
Ah! talvez que a própria treva,
A seus olhos seja branca!

Se alguém executa a Norma,
Ela, rir, contémpla a Esfera:
Supondo que o som tem forma,
Estende a mãozinha e espera...

Mas, na doce claridade,
Os sons lá voam desfeitos...
Feliz! Feliz esta idade
Em que as árias são... confeitos!

...E na glauca ramaria
Da selva cheia de arcanos,
Um sabiá preludia:
Bons anos, Branca, bons anos!

C R E P Ú S C U L O

(Meses depois)

Quiz, hoje, Branca visitar o Oceano,
Quiz, hoje, Branca visitar o Mar:
Na profundez de eternal arcano,
Vimo-lo grande, impetuoso, insano
Sempre a fremir e sempre a bracejar.

Morria a tarde, mergulhando o oriente
Na tinta roxa do lilás do Ocaso.
Subiam trenos, dolorosamente...
A Natureza, pelo espaço olente,
Dos sons em busca fugiria acaso?

Gritos de dor, espasmos de agonia,
Preces desfeitas, beijos desvairados,
Tudo que sofre, quando finda o dia,
Vai esconder-se na mortalha fria,
Que a noite cose para os desgraçados.

Não sei que angústia sob o sol perpassa,
Não sei que pena para Além se evola,
Quando, na etérea e colorida taça,
Deus funde a treva negrejante e baça,
Prendendo o Mar que se contorce e rola.

Ave, Maria! diz, fitando a choça,
A camponesa, sempre alegre e honesta.
Ave, Maria! como é linda a moça!
Como, formosa, pela espuma roça
A saia branca com que foi à Festa!

Ave, Maria! diz, nos vastos mares,
Sobre a jangada, o velho pescador.
E, ao longe, ao longe, procurando os lares,
A fronte nua, descoberta aos ares,
Ave, Maria! - reza o lenhador.

O Mar, sagrado pela unção da sombra,
Buscando um canto onde, a ulular, se acoite,
Sombrio monge, cuja dor assombra,
Levanta a lua na azulada alfombra
E reza a missa vespéral da Noite...

A paz de Deus, ó Mar, seja contigo!
Seja contigo o Anjo do Senhor:
Que as suas asas dêem sobra e abrigo,
A ti e aos lares do sertão antigo,
Pois tudo pena sob a mesma dor.

Quanta amargura! Pela vez primeira,
Eu vejo Branca entristecer-se, vejo...
Não ri-se à garça nívea, forasteira,
E embalde a envolvo, trêmula e fagueira,
No pálio branco de um materno beijo.

Tudo o que é grande e majestoso e belo,
Desperta, à noite, funda sensação:
Alma não há que, emoldurada em gelo,
Ria das ondas do oceano, ao vê-lo
Carpindo à toa, pela escuridão.

Até nos antros mudos da quebrada
Paira não sei que estranho desconforto...
E a criancinha loira, imaculada,
Como que sente, vagamente, o Nada
Descer nas asas do crepúsc'lo morto.

Por mais feliz que seja o seio, oculta
O amargo germe que produz o canto
Desse momento, onde a saudade avulta,
Dessa agonia, cuja dor sepulta
O coração, em desolado pranto!

Por que - tão cedo! - despertou agora,
No coração desta criança, a dor?
Chorava, sim! mas como faz a aurora,
Quando, entre risos, o seu pranto chora,
Sobre a folhagem dos rosais em flor.

Branca é um sonho de minh'Alma. Trouxe,
Nas asas de ouro, para a vida, máguas.
Hoje acordaram, mal o sol finou-se,
Porque só hoje o seu olhar Voltou-se
Para o infinito pélago das águas.

Ó coração! és uma imensa lira
Por onde o sopro do mistério corre...
Por que suspiras, quando o mar suspira?
Por que vacilas, quando a luz delira?
Bruxoleando, no Poente, e morre?

Branca não sabe ainda o que é tristeza,
Porém da paz ao fúlgido remanso
Veio buscá-la a dor da Natureza.
E ela vai, da dor, na correnteza,
Fitando o céu, como um cordeiro manso...

Nem do menino o ser inconsciente
A mágua evita, lúgubre e sombria:
- Anjo, tu sofres? Fala-me, inocente...
E, sem saber o que eu pergunto, sente
Que alguma coisa lhe roubou o dia!

Suponho, às vezes, que o crepúsculo, quando
Vaga na terra, a suspirar, de rastros,
Faz as crianças rirem-se, chorando
E vai depois as lágrimas mudando
Em luz... em benção... em saudade... em astros!

Surge uma estrela - transparente ninho
Que os anjos fazem, na sonora calma:
Erguendo os olhos, como um passarinho,
Branca levanta o trêmulo dedinho
Para mostrar um sonho de su'alma...

Da Noite o Astro vem também surgindo,
Como se fosse edênica falúa;
E, vendo Branca o abismo o refletindo,
Pergunta agora - foi-se a mágua! - rindo:
Se a gente pode navegar na lua...

(Branca, diz a lenda, atraída por um Gênio mau das águas, desapareceu numa tarde aziaga de Agosto.

Longos anos vagueou Berta pela praia, até que um dia cuidou ouvir o Pego, num fim de madrugada tempestuosa.)

BERTA E O MAR

BERTA (louca, à beira-mar)

Nem uma estrela no Firmamento...
O Mar tragou-as, morreram todas!
Apenas ouço rugir o vento...
Ai! me deixaram no isolamento
Das almas pobres, das almas doudas!

Por mim salmeia, nos cemitérios,
Nevada monja, sinistra freira.
Hinos entoa, salmos funéreos.
Quantos suspiros, quantos mistérios,
Na face nua desta caveira!

Ninguém, fantasma, te compreende,
Somente as larvas, em vis cardumes...
Deus mata um astro e um outro acende...
Se tu tens sede, bebe, duende,
O fogo fátuo dos vagalumes.

Destrói a lama da sepultura
E sorve o lôdo da podridão;
Mas não desejes, ó alma pura!
Voltar à vida nesta amargura,
Que eu sinto sempre no coração!

Fantasma branco! Se tendes frio,
Deixai os cantos, deixai a prece.
Vinde aquecer-vos no desvario
De minha febre, no tresvario
Da minha angústia que não fenece!

Feliz aquele que viu, do peito,
Fugir a vida, bem como a luz,
Quando desmaia no ocaso estreito...
Feliz aquele que viu, do peito,
Fugir a Alma com a sua Cruz!

A boca aberta, rindo de tudo,
Vive a caveira, nua e feliz,
Ossos não pensam! No mar sanhudo
Desta existência, calado e mudo,
É o Espírito quem se maldiz!

Chupam os vermes o sangue imundo,
Que flui nas veias e que transborda...
Ao vil desgosto, que aflige o mundo,
Responde a múmia no pego fundo,
Bem como um' harpa que o vento acorda.

Então, nas órbitas ocas e frias,
Às vezes, brotam flores de goivos,
Aonde, ao sopro das Ventanias,
Os pirilampos, da Morte guias,
Junto se beijam, como dois noivos...

O MAR

Em meio à treva das amarguras,
O que procuras?

BERTA

À luz do raio, que ri no céu,
Procuro Branca, que se perdeu
Nas tuas ondas frias... escuras...

O MAR

Dentre rochedos nas grimpas de oiro,
Com as Ondinas, habita e mora.
É ela a dona de meu tesoiro,
E o seu cabelo, tão crespo e loiro,
O Sol desnastra, quando descora.

Partí uma concha e fiz-lhe um berço,
Cinzento e claro, da cor da bruma:
Quanta alegria pelo Universo,
Se ela dormita, no frio imerso
O seu vestido feito de espuma!

Iris bordado no verde prisma,
No azul celeste de um sono brando,
Tais são os sonhos em que se abisma
Meu largo seio, quando ela cisma
Mal as estrêlas vão despertando.

Com as Ondinas inda crianças,
Cheias de graças e formusura,
Vendo as estrêlas nas águas mansas,
Abrindo os olhos, cor de esperanças,
Nos cílios delas se dependura!

Se - sobre a onda - vem uma sereia,
Com a mãozinha, zangada, bate-a.
E, enquanto a brisa sonora anseia,
- Como em procura da Lua cheia -,
Caminha, rindo na Via-Láctea...

Da tempestade, nesses regelos,
Os céus exorta, fitando o além:
Desmancha a treva, dissolve os gelos,
E com a aurora de seus cabelos,
Repele a Morte, se a Morte vem.

Quando a procela, de asas aflantes,
Ruge no bojo da Ventania,
Sobre os Santelmos azuis, brilhantes,
Conduz o lenho dos Navegantes,
Os olhos fitos nos de Maria...

Mas tive pena de ti, ó Berta!
E nesta concha, que luz e brilha,
Minh'Alma veio maguada e incerta,
Trazer-te a Alma de tua filha!

BERTA

Branca, voltemos da vida aos laços!
Para aquecer-te dos frios gelos,
Eu tenho a febre de meus abraços,
Tu tens a aurora de teus cabelos!

Esta Edição é comemorativa dos 75 anos da
Escola Doméstica de Natal, fundada pelo poeta
Henrique Castriciano

Composto e Impresso
na Gráfica Manimbú
da
Fundação José Augusto
Rua Açú, 666-A - Tirol
Natal RN, 1989



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO



“F

oi o primeiro escritor, literato, poeta
conheci e com quem mais longamente
Tinha para êle, na minha mocidade
o exercício da poesia. Era

meu mestre
do Natal.”

AMARA CASCUDO